

Carta do editor

A primeira grande notícia que tenho o prazer de dar aos leitores é que o CD-ROM TELA (Textos em Lingüística Aplicada) já está sendo distribuído. São 44.000 páginas de trabalhos em Lingüística e Lingüística Aplicada, incluindo o texto integral de 26 teses de doutorado, 36 dissertações de mestrado, anais de 16 congressos, 8 periódicos, 6 livros, além de inúmeros textos inéditos – totalmente indexados para facilitar a consulta de qualquer tópico.

A segunda grande notícia é que o CD-ROM será distribuído gratuitamente aos interessados que nos solicitarem um exemplar, ressarcidas as despesas de correio. Será também remetido seletivamente a pesquisadores, bibliotecas e programas de pós-graduação da área.

TELA é uma publicação de *Linguagem & Ensino* e se constitui provavelmente no maior acervo eletrônico da área já publicado no Brasil. A seção livre da revista apresenta o sumário dos conteúdos do CD-ROM.

NESTA EDIÇÃO

As linguagens do homem

Segundo a Bíblia, a Torre de Babel foi erguida para confundir os homens, introduzindo as diferentes línguas. A premissa bíblica, parece-me, é de que o homem, para se comunicar melhor deve falar apenas uma língua, preferencialmente composta de um léxico exclusivo de palavras unívocas, isenta de qualquer tipo de ambigüidade e imune às influências do contexto. Idealmente, essa língua deveria provavelmente ficar guardada numa arca, protegida do contato dos homens para que não se contaminasse de neologismos, barbarismos e outros vícios produzidos pela contaminação humana.

A presente edição de *Linguagem & Ensino* mostra que a língua dos homens não é assim. Quanto mais nos distanciamos da construção da Torre de Babel, mais línguas temos que aprender, com múltiplas

vozes e múltiplas linguagens. Os trabalhos apresentados aqui vão mostrar que precisamos nos apropriar não só da nossa língua materna e de suas variantes e vozes, mas também da língua dos outros. Precisamos dominar não só a gramática, mas também a pragmática e o discurso. Conheceremos as diferentes linguagens, não só verbal mas também icônica e as que estão surgindo com as novas tecnologias, como o hipertexto. E precisamos dominar tudo isso, mantendo nossa voz e nossa identidade, sem nos perdermos neste processo de apropriação.

São os desafios de que tratamos neste número de nossa revista.

As pesquisas

A seção de pesquisas inicia com o trabalho questionador de Maria Inês Pagliarini Cox e Ana Antônia de Assis-Peterson intitulado *O professor de inglês: entre a alienação e a emancipação*, mostrando que os professores de inglês sabem e, principalmente, não sabem sobre pedagogia crítica. Iniciam o texto fazendo uma revisão da alegada neutralidade do inglês como língua internacional, argumentando que é impossível dissociar uma língua hegemônica da ideologia expansionista que subjaz ao seu ensino. Uma língua “está imersa em lutas sociais, econômicas e políticas” e isso não pode ser ignorado pelo professor. O levantamento realizado pelas autoras com professores de inglês mostrou, no entanto, que os professores não têm essa percepção crítica do seu fazer pedagógico. Pedagogia crítica, no Brasil, segundo as autoras “é mera retórica concentrada nas mãos de uns poucos pesquisadores, em geral ex-professores de inglês, que, já da outra margem do rio, arvoraram-se a alumiar a cegueira daqueles que, fiéis escudeiros do ensino comunicativo, ficaram plantados na margem em que estavam”.

Deise Prina Dutra em, *A aquisição e a pragmática das construções com sentido deontico em inglês*, mostra a dificuldade que os aprendizes de uma língua em adquirir, no caso aprendizes de inglês, tem em adquirir a competência pragmática. A análise é feita comparando falantes nativos com falantes não nativos no uso de formas modais. Os resultados mostram que embora os falantes não nativos desenvolvam com relativa rapidez a competência gramatical, encontram mais dificuldade em desenvolver a competência pragmática.

A seção de pesquisas encerra-se com o texto de Maria Bernadete Fernandes de Oliveira, *Produções escritas e processos identitários: um*

estudo de textos de alunos do ensino fundamental. Após examinar os textos produzidos por alunos de uma turma do ensino fundamental, a autora chega à conclusão que os alunos falam pelas vozes de outros, escrevendo “para” e não “na” escola.

Os ensaios

São três os ensaios desta edição, abordando o hipertexto como um novo espaço de escrita, a arquitetura da história em quadrinhos e a questão do ensino da gramática.

Luíz Antônio Marcuschi em *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*, analisa o impacto que o uso crescente do hipertexto haverá de ter na educação, não só no processo da leitura, mas também na produção textual. A escrita, a inteligência e a cognição perdem sua individualidade para se tornarem objetos compartilhados. No hipertexto somos ao mesmo tempo autores e leitores e o conhecimento fica distribuído entre pessoas e máquinas.

Fernando Afonso de Almeida, em *Arquitetura da história em quadrinhos: Vozes e linguagens*, reflete sobre o cruzamento das línguas icônica e verbal. As principais conclusões são de que pode haver uma transgressão quando se passa de uma linguagem para outra, na medida em que se atribuem a uma as características da outra, e de que essa transferência pode ser produtiva.

Finalmente, Ormezinda Maria Ribeiro, em *Observando o ensino da gramática em nos Ensinar ou não a gramática na escola: eis a questão*, faz alguns questionamentos sobre o ensino da gramática nas nossas escolas. Aponta como problema o fato de que aula de Português tem sido sinônimo de aula de gramática, cujo resultado é o que já se sabe: o aluno sai do curso em “se lembrar das regras, sem saber como aplicá-las e abominando o Português”. A autora não nega a importância do ensino da gramática, mas chama a atenção de que seu ensino deve levar em consideração os objetivos a que se propõe, a teoria na qual está embasada e o público a que se destina.

Seção livre

Na seção de *Notas*, estamos apresentando o Projeto TELA, o CD-ROM de Textos em Linguística Aplicada, que classificamos como um grande trabalho coletivo, feito da contribuição de muitos. Foram dois anos de trabalho na coleta, organização e indexação dos textos, que agora temos o prazer de entregar ao público.

A handwritten signature in black ink, reading "Wilson J. Leffa". The signature is written in a cursive, flowing style.

Vilson J. Leffa
Editor